

6.

AS VOZES QUE ECOAM NO DISCURSO DA (IN)DISCIPLINA

Em cada um de nós existe, em proporções variadas, parte do homem de ontem; é inevitavelmente o homem de ontem que predomina em nós, já que há muito pouco presente em comparação ao longo passado no curso do qual fomos formados e do qual resultamos.
(Mey, 2001)

Para responder às perguntas de pesquisa formuladas na introdução desta tese **“Que vozes constituem os diferentes discursos sobre a (in)disciplina que são construídos na instituição escolar analisada? Como o conceito de (in)disciplina é construído pelos diversos participantes do contexto escolar? De que forma o *outro* é construído no discurso da (in)disciplina?”**, dividirei minha análise em três partes, correspondentes aos capítulos 6, 7 e 8. Utilizarei como referencial discursivo para realizar a análise dos dados gerados a partir das entrevistas com os diversos participantes do contexto escolar e dos documentos oficiais da instituição a visão bakhtiniana de linguagem (cf. capítulo 4). No **capítulo 6**, discutirei como o discurso dos diferentes sujeitos é construído a partir das diversas vozes com as quais estes sujeitos entraram e entram em contato durante todas suas vidas. No **capítulo 7**, discutirei como o conceito de (in)disciplina é construído discursivamente na escola, enfatizando dois discursos: o de acordos e “discurso único”. No **capítulo 8**, analisarei como o *outro* é construído no discurso da disciplina, a alteridade.

Para compreender como o conceito de indisciplina é construído discursivamente no contexto escolar, é necessário compreender as diferentes vozes que compõem o discurso dos participantes analisados (professores, alunos, direção e funcionários técnico-administrativos). O conceito de vozes foi investigado originalmente em textos literários, mas não se limita a eles e estende-se aos discursos cotidianos, integrando-se à existência das pessoas no mundo (Fernandes, 2007). Isto ocorre porque é nos discursos que assimila que o homem reproduz as vozes sociais que constituem seu discurso (Bakhtin, 1929 [1992]; Holquist, 1990, Faraco, 2003; Fernandes, 2007). Assim, as concepções sobre a (in)disciplina na escola são o resultado da internalização dos enunciados de todos

os outros indivíduos com quem interagimos, e cujas vozes sociais absorvemos e que nos tornam um “agitado balaio de vozes sociais” (Faraco, 2003).

É possível, portanto, afirmar que o modo como os participantes da escola analisada compreendem a questão da (in)disciplina é influenciado pelos diferentes discursos com os quais interagiram nos diversos momentos de sua vida: como alunos (na escola e na faculdade), na família, enquanto profissionais nos diversos locais onde trabalham ou trabalharam, e enquanto participantes do contexto analisado. Neste trabalho, interpretei a noção de voz não somente como a influência do enunciado do *outro* nos diferentes discursos, mas também como a influência de concepções pedagógicas, visões, crenças, valores, que são constituídas através da interrelação entre os enunciados dos indivíduos. Por isso, neste capítulo, utilizo o termo voz tanto relacionado a um determinado enunciado de um determinado autor (ex: a voz de Foucault), quanto fazendo referência ao conjunto de vozes que compõem uma determinada visão (ex: a voz da visão tradicional de disciplina).

Iniciarei este capítulo com a análise das diferentes vozes que compõem o discurso oficial da instituição em foco, investigando os documentos escritos por aqueles que representam o poder instituído.

6.1.

A voz documental

Para compreender o discurso institucional em relação à (in)disciplina, investiguei os diferentes documentos que norteiam o trabalho na escola analisada em termos disciplinares: o Projeto Político Pedagógico, doravante PPP, que data do ano de 2002, o Código de Ética Discente, cuja última reformulação ocorreu na década de 90 e o Manual do Aluno, atualizado anualmente e entregue pela direção da Unidade Escolar analisada aos alunos no início de cada ano letivo. Analisei também documentos internos (circulares e memorandos-circulares) da Unidade na qual a pesquisa foi desenvolvida.

O PPP do Colégio define sua missão, os princípios administrativos e educacionais que regem o trabalho pedagógico realizado e seu papel na sociedade.

Para compreender a construção do discurso disciplinar oficial, é importante situar o trabalho de construção do Projeto Político Pedagógico sócio-historicamente.

Até o ano de 1995, a educação era regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5692/71, promulgada em 1971, que se baseava em uma concepção positivista de educação, que vigorava no país desde o fim do século XIX. Seguindo a máxima positivista Ordem e Progresso, surgida a partir da divisa *O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim*, a lei dividia o conhecimento em disciplinas, pois o conhecimento era compreendido como áreas separadas, estanques, que não se comunicam. A lei também estabelecia que o 2º grau (atual Ensino Médio) teria orientação para a formação para o trabalho, oferecendo aos alunos opções de formação profissional. O primeiro artigo da LDB ilustra a visão de ensino desta lei, que vigorou no Brasil por 25 anos.

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania (MEC, 1971).

Em 1996, foi sancionada a LDB 9394/96, com uma visão educacional bastante diferente daquela estabelecida pela Lei 5692/71. Esta lei, em vigor até os dias atuais, estabelece princípios muito mais amplos do que aqueles da LDB anterior, como podemos observar a seguir.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
 - IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
 - V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 - VII - valorização do profissional da educação escolar;
 - VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
 - IX - garantia de padrão de qualidade;
 - X - valorização da experiência extra-escolar;
 - XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- (MEC, 1996)

Comparando os artigos primeiros de cada lei, é possível observar grandes diferenças entre as visões de educação apresentadas por cada uma. Enquanto o artigo primeiro da lei 5692/71 define muito sucintamente o objetivo do ensino de 1º e 2º graus, a lei 9394/96 se preocupa com uma série de questões que não constavam da anterior. Ela estabelece, além dos objetivos da educação, a importância da gestão democrática, da liberdade, do pluralismo, e do respeito às diferenças. A lei 9394/96, ao valorizar a gestão democrática, estabeleceu que todas as instituições educacionais deveriam elaborar seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs), contando com a efetiva e democrática participação de todos os participantes do contexto escolar.

Até o ano de 2002, o colégio aqui analisado era regido pelo Plano Geral de Ensino (PGE), documento que determinava os conteúdos disciplinares e a forma de avaliação da instituição. Seguindo as orientações do governo, estabelecidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (MEC, 1999), a escola iniciou em 2000

as discussões para elaborar o seu Projeto Político Pedagógico. O PPP foi entregue à comunidade em 2002, e contou, em sua elaboração, além de todos os diferentes setores da escola com participação de pais e alunos. Segundo o Diretor Geral do colégio, ele incorpora o lema “o velho novo Colégio”.

Novo no sentido de incorporar o acervo de conhecimentos que a ciência, a tecnologia, e as ciências humanas e comportamentais colocaram modernamente à disposição da Educação; *novo* no sentido de perquirir metodologia, conteúdos programáticos e ação educativa ajustada à realidade brasileira; *velho* no aspecto de não abdicar da cultura humanística de sua origem, de não abrir mão da densidade e da profundidade na transmissão de conhecimentos; *velho* a fim de não se deixar levar por modismos educacionais, muitas vezes, sem lastro na experiência e de origem espúria (MEC/CPII, 2002, p.21).

O PPP do “velho novo Colégio” define a escola através de diferentes espaços: de diferenças, de contradições, de cidadania, de conhecimento, de organização e de inclusão. Ao definir seu papel, o PPP estabelece que

a escola deve estar voltada para a formação de um ser humano crítico e autocrítico, pautado em princípios éticos, de valorização da dignidade e dos direitos humanos, bem como de respeito às diferenças individuais e socioculturais, capaz de mobilizar-se por aspirações justas visando ao bem comum. Em outras palavras, a constituição de identidades autônomas, sujeitos em situação, dotadas de competências e de valores: cidadãos (MEC/CPII, 2002, p.23).

Também no PPP, a instituição, fundada em 1837, sinaliza que “ser tradicional não significa, necessariamente, ser conservador” (2002, p.66). O mesmo documento afirma que o colégio tem como papel ser um espaço onde os alunos construam relações sociais através da constituição de valores e atitudes, “a percepção e relação com o outro, a inserção no grupo, através da cooperação, solidariedade, tolerância e respeito às diferenças individuais, sociais e culturais inerentes à condição humana” (2002, p.67). Também compreende que a educação está baseada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Além disso, a educação deve estar voltada para a construção ética dos alunos e o posicionamento para a luta contra a exclusão, contribuindo para a promoção e integração de todos os brasileiros, e para a construção da cidadania das crianças e adolescentes (MEC, 1999).

Em sua página da *internet*, que foi construída há aproximadamente cinco anos, o colégio define seus ideais educacionais. Como podemos observar no trecho abaixo, os ideais da instituição ecoam a voz da LDB de 9394/96, cuja visão educacional reconhece o aluno como um participante ativo da construção de conhecimento. De acordo com esses ideais, a escola deve buscar satisfazer as necessidades dos alunos não somente em termos de aprendizagem, mas também em termos sociais e afetivos. Além disso, deve ter como objetivo formar o cidadão consciente e despido de preconceitos e estereótipos, e que valorize o *outro* e respeite as diferentes identidades.

I – propiciar ao jovem Educação Fundamental e Média de caráter geral capaz de levá-lo a conquistar a satisfação de suas necessidades básicas e as decorrências culturais que dela emanam e seus projetos de vida; fornecer-lhe condições e instrumentos indispensáveis que lhe garantam sua realização como pessoa humana, nas suas dimensões afetivas, espirituais, intelectuais, culturais e lúdicas;

II – assegurar ao jovem preparação dentro da politecnicidade dos conhecimentos acompanhada de lastro de informações densas no campo das ciências sociais, humanas e comportamentais;

III – favorecer ao educando a conquista da autonomia nos planos intelectual e sócio-afetivo, o primeiro na visualização, na autonomia da informação e do julgamento e no segundo a capacidade de assumir riscos e aceitar responsabilidades, como também vir a ser capaz de escolher seu comportamento e inventar seu próprio estilo de vida;

IV – possibilitar ao jovem assumir os papéis e status que a sociedade lhe destina com espírito de altruísmo, cooperação, solidariedade, interdependência e visão ampla;

V – criar futuros cidadãos dimensionados em matrizes sócio-culturais brasileiras, despidos de estereótipos, preconceitos, porém potencialmente aptos a perceberem as transformações sócio-econômicas, políticas, culturais e ético-religiosas que se passam no país e no mundo (MEC, 2007).

Contudo, quando analisamos os documentos da instituição em relação à questão disciplinar, a noção de respeito, diferentemente daquela preconizada pelo PPP – construído pelos participantes do contexto escolar - é voltada primordialmente para o respeito às regras da instituição. Conforme apresentado no capítulo de metodologia deste trabalho, no Manual do Aluno – escrito pela direção da Unidade Escolar - são estabelecidas as normas que regem a vida escolar dos

alunos, assim como as sanções às quais serão submetidos aqueles que não se adequarem às normas da instituição. Essas normas disciplinares são aplicadas através de um formulário de ocorrências disciplinares com alunos e/ou turmas, conhecido como “a advertência”, que deve ser assinada pelo responsável e devolvida ao setor de disciplina no primeiro dia de aula após o seu recebimento (cf. anexo). O Manual do Aluno ecoa a visão disciplinar criticada por Foucault (cf. 3.2), que pune os “maus” alunos, os indisciplinados, aqueles cujos padrões de comportamento diferem daqueles estabelecidos pela instituição. Este documento vai contra a visão educacional definida pela LDB 9394/96, que determina que

Disciplina, obediência, respeito irrestrito às regras estabelecidas, condições até então necessárias para a inclusão social, via profissionalização, perdem a relevância, face às novas exigências colocadas pelo desenvolvimento tecnológico e social (MEC/SEMTEC, 1999, p.25).

Além do Manual do Aluno, entregue desde 2001 pela Unidade aos alunos a cada início de ano letivo, tem sido entregue desde 2006 um livreto com as Normas de Conduta Discente e Portarias Normativas (cf. anexo), emitido pela Direção Geral, responsável pelo trabalho pedagógico e administrativo da Instituição. Este documento compila as portarias de avaliação e atos administrativos, além de estabelecer as normas e procedimentos discentes. Ecoando a voz da visão foucaultiana de disciplina, o capítulo referente às normas e procedimentos discentes é dividido da seguinte maneira: 1. Uniforme Escolar; 2. Entrada e Saída; 3. Caderneta escolar e 4. Ações disciplinares. As normas de conduta discente que constam neste documento demonstram a importância que os instrumentos disciplinadores possuem no discurso institucional oficial.

O uniforme é o instrumento mais valorizado pela voz oficial da instituição. As normas disciplinares determinam que “O aluno só poderá assistir às aulas e participar de qualquer atividade educativa devidamente uniformizado” (2007; s.p.). A voz da instituição busca uma padronização entre todos os alunos, que devem estar trajando o uniforme corretamente. A voz da direção da Unidade Escolar analisada está em consonância com a visão da Direção Geral do colégio, como é possível observar nos diferentes comunicados voltados para a comunidade escolar, nos quais há uma forte pressão para o “uso correto do uniforme” (cf capítulo 5). De acordo com estes documentos, os alunos que não trajarem o

uniforme da maneira correta serão impedidos de assistirem às aulas.

Circular para Responsáveis e alunos -13/04/07

Reiteramos, mais uma vez, a necessidade dos alunos trajarem corretamente o uniforme escolar.

Não será permitida a entrada de alunos que apresentem qualquer descaracterização do modelo oficial do uniforme (destacando o emblema preso no bolso e os sapatos/tênis totalmente pretos).

Além desse aspecto, reiteramos também os atrasos constantes que alguns alunos apresentam desconsiderando as normas estabelecidas pela Instituição. Atrasos repetidos impedirão a entrada do aluno.

A partir da próxima semana, os alunos estarão recebendo a caderneta e deverão apresentá-la diariamente na portaria no momento do seu ingresso na U.E., caso contrário, serão impedidos de assistirem as aulas deste dia.

Ressaltamos que o impedimento da entrada obedecerá aos critérios apresentados no manual do aluno nas três situações abordadas neste comunicado.

Conforme é possível observar no exemplo acima, retirado de uma das circulares distribuídas na Unidade Escolar analisada, além do uniforme, as questões da pontualidade e da assiduidade também são enfatizadas pelo discurso oficial da instituição. As Normas de Conduta Discente estabelecem que

2)

b) Haverá uma tolerância de 10 (dez) minutos, no 1º tempo de aula, para a chegada à portaria da Unidade Escolar, após o que o aluno será considerado ATRASADO.

d) A pontualidade do aluno será igualmente verificada nos demais tempos de aula e após o recreio.

e) Serão permitidos, no máximo, 3 (três) atrasos por mês. No 3º atraso, o aluno será advertido formalmente e seu responsável será comunicado que, no 4º atraso, não será permitida a entrada do aluno na escola sem sua presença (CPII, 2007).

Há, no discurso documental da instituição, uma constante preocupação com o controle de atrasos e faltas, sendo a caderneta seu principal instrumento de controle. Há uma grande pressão por parte da direção para que os inspetores recolham as cadernetas para contabilizar as presenças, ausências e atrasos dos discentes. De acordo com esta posição, a não conformidade com as normas instituídas pela escola fará com que os alunos sejam impedidos de assistir às aulas do dia. Assim, os documentos da escola dão a entender aos estudantes e seus

responsáveis que é mais importante o modo como ele está vestido, ou a apresentação da caderneta do que sua participação nas aulas, pois aquele que não estiver em total consonância com o determinado pela escola estará excluído da atividade escolar daquele dia.

O trecho abaixo demonstra a enorme dissonância que ocorre no contexto educacional mais amplo em relação à questão disciplinar. A escola atual ainda se pauta em valores e posturas que na escola tradicional eram valorizados como demonstração de que a escola mantinha a ordem, o controle e conseqüentemente, a disciplina de seu corpo discente. Contudo, nos dias atuais, o discurso disciplinar representado pelos documentos redigidos pela Direção Geral e pela direção da Unidade Escolar analisada ainda ecoam a voz da escola moderna e positivista, demonstrando que sua visão disciplinar está em dissonância com o momento sócio-histórico no qual está inserida. A sociedade atual, segundo a LDB, deseja uma escola que forme um cidadão crítico, autônomo, participativo, ciente de seus direitos e deveres e que valorize o conhecimento com o maior bem e como maior fonte de poder (cf.2.4.1).

No entanto, o discurso disciplinar da instituição analisada não acompanha suas idéias pedagógicas, que estão em consonância com a LDB, fazendo com que a escola construa um discurso dissonante de seu Projeto Político Pedagógico. A atitude de barrar os alunos que não estão trajando o uniforme da forma correta ou que se atrasam com frequência é criticada pelo educador Hamilton Werneck (2002), que afirma que, ainda hoje, normas disciplinares e administrativas se sobrepõem ao objetivo maior da instituição escolar, que é o de educar os alunos. A excessiva preocupação com o controle demonstra que a Direção da escola ecoa a voz da disciplina tradicional (cf. 3.1), e, ao impedir que os alunos assistam às aulas por questões disciplinares, a escola, deixa seus estudantes à mercê de todas as possibilidades de violência que assolam as grandes cidades como o Rio de Janeiro, onde a escola está localizada, conforme podemos observar no trecho abaixo.

Dentro da escola, ao chegar no setor de verificação de cadernetas ou cumprimento das formalidades legais exigidas, a criança é barrada e convidada a retornar para casa. Presume-se que durante todo o tempo de atividade escolar esta criança ficará sem destino, andando pelo bairro de sua escola numa cidade onde a segurança individual inexistente (Werneck,2002, p.79).

Werneck ecoa a voz da visão de (in)disciplina consciente e interativa, que, segundo suas próprias palavras, não se prende ao secundário, pois está voltada para o essencial e as raízes dos problemas da educação. Para ele,

sem sombra de dúvida, uniforme, deveres feitos ou não, assinatura em caderneta quando muito devem ser elementos de comunicação com a família, mas nunca de fazer um adolescente voltar para a sua casa, perder um dia letivo e ficar à disposição de todos os males de uma metrópole

Voltar para casa, se foi no passado uma demonstração de ordem e disciplina dentro de uma escola, hoje não passa de demonstração de incompetência pedagógica ou de irresponsabilidade civil (Werneck, 2002, p. 80).

Pude constatar, ao observar os diversos documentos da instituição, e os diversos discursos acerca da questão disciplinar, que, neste “velho novo colégio”, coexistem duas vozes, que são dissonantes e, muitas vezes, conflitantes. A voz da LDB 9394/96, que se faz presente através do PPP da Instituição, preconiza a liberdade, o pluralismo, a valorização do educando, o apreço à tolerância. Já a voz da instituição quanto à questão disciplinar ecoa a voz da disciplina criticada por Foucault (cf. 3.1), que se baseia no controle dos corpos, através do uso do uniforme e da conduta, através do controle da pontualidade e da constante ameaça de punição. A escola analisada, assim como uma grande maioria das instituições escolares, do ponto de vista disciplinar, vive o “império das regras” (De La Taille, 2006), priorizando o secundário (Werneck, 2002), ou seja, deixando os princípios que inspiram as regras em segundo plano.

No próximo segmento, analisarei as vozes que compõem o discurso dos professores.

6.2.

A voz dos professores

No discurso dos professores, analisado através das entrevistas, é possível perceber diferentes vozes. Neste segmento, discutirei como essas vozes se posicionam a respeito da questão disciplinar. Apesar de observar que inúmeras vozes ecoaram durante a entrevista, busquei identificar no discurso dos professores ecos das duas principais visões de disciplina: a tradicional e a consciente e interativa (cf. 3.1 e 3.2.4).

6.2.1.

A disciplina tradicional

Analisando os dados gerados pelas entrevistas com os professores, observei que a voz da disciplina tradicional, que regulou o trabalho pedagógico durante aproximadamente quatro séculos (cf. 3.1), ainda está muito presente no discurso dos docentes. Este tipo de disciplina está em dissonância com o discurso institucional da escola analisada que, em seu PPP, aponta para a busca um trabalho pedagógico pautado no respeito entre professor e alunos e de uma disciplina mais flexível e negociada (cf. 3.2.4).

Ainda prevalece no discurso de alguns outros professores entrevistados, a visão monológica do discurso, que percebe o *outro* (o aluno) não como um sujeito ativo na construção do processo ensino-aprendizagem, alguém que tem algo a acrescentar, com quem o professor interage para a construção do conhecimento, mas como alguém que deve ouvir e receber conteúdos prontos. Pude observar que o discurso que demonstra a crença em um padrão de disciplina uno, estático, monológico, típico da visão tradicional de disciplina (cf. 3.1), está presente no discurso da professora Alice, de filosofia.

Profa. Alice – filosofia – 26/08/05

Eu acho que dentro da escola você tem certas regras, né. A gente geralmente considera disciplina, o aluno disciplinado aquele que **tá dentro** das regras, e que tem respeito com seus colegas e também com o professor. Acho que quem foge da regra, quem não faz o que tá previsto, né, quer sair na hora que não pode, quer falar na hora que tem que fazer silêncio, a gente costuma identificar essas coisas como indisciplina, foge do padrão que é estabelecido pela escola e cada escola tem seus critérios.

A visão tradicional de disciplina que ecoa no discurso da professora de filosofia entende o aluno disciplinado como aquele que obedece, que “está dentro” das regras impostas pela instituição, sem levar em consideração as individualidades, como preconiza a LDB 9394/96. A professora enfatiza a importância das regras, que dão o tom da questão disciplinar, que determinam o bom aluno e devem ser seguidas de forma rígida pelo corpo discente. Quando o aluno foge das regras, do padrão, é tido como indisciplinado.

A visão tradicional de disciplina está intimamente vinculada à concepção positivista de educação, que associa disciplina à ordem, à organização (cf. 2.3). Esta concepção ideológica de mundo vigorou desde o século XIX e ainda encontra ecos no discurso atual de alguns participantes do contexto escolar.¹ Selecionei o trecho abaixo, retirado da entrevista com a professora de sociologia Fernanda, pois ele se destacou fortemente como um exemplo de como a voz do positivismo ecoa em seu discurso.

Profa. Fernanda – sociologia - 16/04/05

A idéia de disciplina ... remete à questão da ordem, né. Então, a gente tem a idéia de que para uma aula acontecer ... bem deve haver uma **ordem**, né. O que eu to dizendo, to dizendo **ordem** assim, ouvir e ser ouvido, né. As pessoas terem uma certa **organização** na, na fala, né. Basicamente, respeito à fala do professor ... e do colega. Então, a idéia de disciplina remete à questão da **ordem** e nessa medida, o professor aí como... como alguém que **tá regendo** a turma e disciplinando, né, **impondo** essa necessidade né.

Conforme podemos observar, a professora utiliza itens lexicais como “ordem”, “organização”, “regendo a turma”, “impondo”, geralmente vinculados a esse tipo de concepção, que preconiza que a ordem é indispensável para um bom desenvolvimento dos educandos. Esse tipo de pensamento está explícito em nossa bandeira – “ordem e progresso”, e implícito no hino da instituição onde a pesquisa se desenvolve – “vivemos para o estudo / soldados da ciência / o livro é nosso escudo e arma a inteligência / Por isso sem temer / foi sempre o nosso lema / buscarmos no saber a perfeição suprema”².

No discurso acima, da professora Fernanda, o papel do professor é conduzir (como um guia), reger a turma (como um maestro), e como autoridade detentora do poder dentro da instituição, impor as regras e os limites. É ele o “regente” da

¹ Este verso reflete o lema do Positivismo, filosofia que dominou vários setores da cultura brasileira no final do século XIX. Elaborada por Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), ela procura indicar ao mesmo tempo a continuidade social do Brasil (o retângulo verde e o rombo amarelo) e a mudança (ou seja, o avanço) de regime político que então se operava no país (a esfera armilar). Na bandeira, além disso, lê-se a máxima política positivista Ordem e Progresso, surgida a partir da divisa O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim.

² O hino do colégio foi executado e cantado pela primeira vez em 2 de dezembro de 1937, em solenidade comemorativa do Centenário do Colégio, com música do maestro Francisco Braga e letra do bacharel do Externato Hamilton Elia”.

Inspirado na exaltação do passado e certeza do futuro, seus versos são recheados de símbolos do positivismo, expressando, o compromisso das novas gerações com as gerações anteriores, de homens que colocaram o nome do Colégio nas altas esferas políticas e culturais do país: (CPII, 2007)

turma – termo utilizado para os professores que são responsáveis pelo grupo (professor-regente) - é ele quem dá o tom do trabalho e do relacionamento que ocorre na sala de aula. Assim, não é possível realizar um trabalho pedagógico eficaz e eficiente se não houver um controle por parte do professor e sem que haja ordem na sala de aula.

A seguir, observarei a voz do discurso da disciplina consciente e interativa nas entrevistas dos professores.

6.2.2.

A disciplina consciente e interativa

Além de observar a voz da disciplina tradicional no discurso de alguns professores, por outro lado, pude constatar a voz das tendências atuais acerca da questão disciplinar, principalmente a voz da disciplina consciente e interativa, defendida por Vasconcellos (2000, 2003), como é possível observar no trecho a seguir, retirado da entrevista com a professora de inglês, Mariana.

Profa. Mariana – inglês - 30/04/05

Disciplina, na minha opinião, é você, é, **sentir nas pessoas o respeito** no momento que você precisa se colocar, é, o respeito não só na parte de comportamento pessoal mas, e, e, postura, a pessoa saber te ouvir, saber que há o momento de te ouvir, o que **não impede que essa pessoa também venha** a ter, a **argumentar**, digo argumentar, não discutir nem ofender, mas argumentar com você. Disciplina pra mim é você saber o momento certo de se colocar e de saber ouvir e também de **se fazer escutar**.

Quando associa à noção de disciplina itens lexicais como “argumentar”, “sentir nas pessoas o respeito” e “se fazer escutar”, Mariana demonstra sua visão consciente e interativa sobre a questão disciplinar. Ela busca valorizar a participação do aluno no processo pedagógico, como um sujeito que tem direito a expressar suas opiniões e necessidades, como o outro que negocia e dialoga ativamente. Porém, em outro momento, ao utilizar a expressão “não impede que essa pessoa venha a argumentar”, ela deixa a impressão de que o diálogo seria uma concessão do professor, e não fizesse parte da própria interrelação entre professor e alunos em sala de aula.

O trecho abaixo, extraído da entrevista com a professora de matemática, Márcia, demonstra também uma visão de disciplina que compreende o aluno como um sujeito ativo, não somente um receptor passivo da voz do interlocutor (cf.3.2.4). O aluno não está na escola simplesmente para receber conteúdos prontos e acabados transmitidos pelo professor, mas sim para construir o conhecimento de forma ativa.

Profa. Márcia – matemática - 13/02/06

Bom, talvez a minha concepção de disciplina seja um pouco diferente, é, do que a convencional, tá, porque eu acho que disciplina não é o aluno ficar lá paradinho, sabe olhando pra minha cara com cara de santinho prestando atenção ao que eu to falando. Eu acho que disciplina é ele saber a hora que ele pode brincar e conversar e rir e tudo, e ser um adolescente normal, vamo dizer assim, que eu trabalho mais com adolescente, faz um tempo que eu trabalho com 3º ano, então eu acho que, é, a disciplina prá mim, é ele ter essa noção da hora que ele, tem que parar e prestar atenção no que o professor tá falando. Ou o professor, ou o inspetor, quem quer que seja que tá lá falando. Ele tem que ter uma noção de limite para ele mesmo, e eu acho até que a gente consegue, pelo menos com a maioria.

O discurso da professora Márcia, que se define como “diferente do convencional”, ecoa a concepção de disciplina consciente e interativa (cf. 3.3). Ao afirmar que “acho que disciplina não é o aluno ficar paradinho, sabe, olhando pra minha cara com cara de santinho”, ela demonstra que não acredita em uma postura passiva e submissa dos alunos e que incentiva seus alunos a se manifestarem, a exporem suas idéias. O modo de encarar o trabalho pedagógico da professora Márcia ecoa a disciplina consciente e interativa, que busca a construção de um verdadeiro diálogo em sala, ao considerar também os alunos como participantes interativos da construção do conhecimento. A professora não encara o estudante como apenas um repetidor das verdades monológicas determinadas pela instituição, mas sim como um participante interativo da enunciação, cuja voz, conhecimento prévio, crenças, valores e necessidades devem ser ouvidas e respeitadas. Assim, o discurso disciplinar da professora Márcia mostra sua intenção de reduzir de forma progressiva suas intervenções, ensinando aos estudantes a controlarem seu comportamento, ou seja, a se comportarem de maneira aceitável na aula, isto é, com respeito a cada um e em

condições favoráveis ao ensino, sem perder suas características de adolescentes normais (Blin e Deulofen, 2005).

Das entrevistas analisadas, é o discurso da professora Márcia, de matemática, com 39 anos de experiência profissional, que mais se aproxima da visão de educação preconizada pelo PPP que rege o trabalho pedagógico da instituição, que almeja formar o cidadão crítico e pensante. Ela aponta para uma forma de agir desenvolvida a partir de sua experiência profissional de quase quarenta anos com adolescentes. É importante observar que esta professora, com tantos anos de magistério e cuja formação acadêmica está ligada à área tecnológica ecoa um discurso educacional atual e dialógico. O mesmo não ocorre com outros professores mais jovens, como as professoras Carla e Alice, cujos enunciados são analisados no item 6.2.3, e que ecoam predominantemente a visão tradicional de disciplina. A partir da análise dos dados da professora Márcia, pode concluir que a idade e a área de formação não exercem uma relação de causa e efeito na construção do conceito de (in)disciplina pelo professor – professores mais jovens ecoariam um discurso consciente interativo enquanto os mais velhos ecoariam a visão tradicional. Já o tempo de experiência profissional influencia na construção discursiva do conceito de (in)disciplina, uma vez que professores com menos tempo de profissão tendem a ecoar a voz da disciplina tradicional, que certamente advém de sua formação acadêmica, enquanto os mais experientes apresentam um discurso disciplinar consciente e interativo, que ecoa a voz dos diferentes discursos com os quais estiveram em contato enquanto educadores.

Uma questão importante na disciplina consciente e interativa é a afetividade. A escola, muitas vezes, ainda dissocia a área cognitiva das áreas afetiva e social, priorizando a primeira em detrimento das demais. No entanto, é impossível dissociar os vários aspectos que compõem os indivíduos que interagem em sala. O lado afetivo é muito importante para os relacionamentos que ocorrem na sala de aula, pois os sujeitos são produtos do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos e externos (Arantes, 2003; Garcia, 2003).

A falta de uma relação pedagógica que leve em consideração, além das questões epistemológicas, o vínculo afetivo entre professor e alunos pode também ser um fator que gere indisciplina na sala de aula, conforme o discurso abaixo, do professor de educação física, Marcelo. Este professor define a indisciplina como uma manifestação da falta de prazer que o aluno sente ao estar na escola. Seu

discurso reflete a visão de escola não somente como espaço epistêmico, mas também como um espaço relacional, onde emerge uma gama de questões sociais e afetivas.

Professor Marcelo – educação física – 26/08/05

A indisciplina está intimamente ligada à falta de perspectiva de prazer do aluno dentro da escola. (...) Porque antigamente, ah, e ainda hoje, algumas escolas mais tradicionais, a disciplina é tida como sendo submissão, e disciplina não é submissão. Disciplina é autonomia, é com consciência do seu papel, do que, até onde pode, dos seus limites e das suas relações com os outros, o respeito às diferenças.

No trecho acima, Marcelo ecoa a visão de disciplina consciente e interativa (cf. 3.2.4), estabelecendo um contraste com a disciplina tradicional, que equipara a disciplina à submissão. Seu discurso associa a disciplina à autonomia, percepção de limites, respeito às diferenças e construção de relações entre os sujeitos, e ecoa as vozes que permeiam seu discurso ao longo de sua experiência acadêmica enquanto graduado em Educação Física e como Mestre e Doutor em Educação. Em seu percurso de formação acadêmica, este professor entrou em contato com diferentes vozes que percebem o aluno como um todo (cabeça, corpo e coração), levando em consideração não só seu rendimento cognitivo, mas como um indivíduo que deve desenvolver todos os seus potenciais e habilidades. Estas vozes o auxiliaram a construir uma visão de disciplina que está em consonância com a concepção de disciplina consciente e interativa (cf.3.24).

Marcelo aponta para o fato de que a escola atual encontra-se em uma crise de paradigmas, relacionada aos parâmetros de atuação face à questão da punição.

Professor Marcelo – educação física – 26/08/05

O professor de certa forma ainda fica preso entre dois parâmetros. Ou o professor, ele trabalha com o parâmetro da disciplina autoritária, ou ele trabalha pelo parâmetro da disciplina, é o *laissez-faire*, a disciplina que simplesmente, ela não ocorre, ela é aquela disciplina que ele acredita que o aluno tem a capacidade, condições de se auto-gerenciar. E a gente sabe que isso é muito complicado o aluno não tem nem maturidade de vida, e nem conhecimento técnico suficiente pra se auto-gerenciar. Então, você fazer tanto a autoridade autoritária quanto a autoridade vamos chamar de permissiva, é o que se encontra na maior parte das escolas hoje, e ela não tá sabendo responder a essa questão.

O trecho acima demonstra a dúvida que os professores enfrentam em relação ao parâmetro que deve nortear sua atuação em relação à questão disciplinar. Segundo ele, os professores, por não terem em sua formação espaço para refletirem sobre a questão disciplinar, ficam divididos entre manter o parâmetro tradicional e autoritário de disciplinamento (cf. 3.1), ao qual certamente foram expostos enquanto alunos, ou encarar a disciplina a partir do outro extremo, o da disciplina excessivamente liberal (3.2.1), que é caracterizada pelo que o professor chama de “*laissez-faire*”, de disciplina permissiva.

Além da afetividade, as características da pós-modernidade e suas influências também são importantes para a construção da disciplina consciente e interativa. A grande diferença entre o ritmo da escola e o mundo real, fora dela, é apontada pelos docentes como um fator que pode gerar indisciplina, visto que a grande discrepância entre eles provoca grandes conflitos de valores e expectativas. Em seu discurso, a professora Mariana aponta para o fato de que a tecnologia característica da pós-modernidade pode ser compreendida como um fator que faz com que os alunos percam o interesse na aula.

Profa. Mariana – inglês - 30/04/05

E: Existe um desinteresse dos alunos?

M: Eu acho que sim. Eu acho que a ... o ... a ... a tecnologia, o aluno que tem acesso, por exemplo, a um computador e a uma internet, ele tem **universo tão grande** na frente dele, que ficar sentado numa sala de aula ouvindo um professor falar deve ser extremamente enfadonho, chato praquele aluno. Então, o desinteresse, eu acho que tá por aí. Às vezes nos faltam recursos pra uma aula ... moderna, mas a falta de interesse do aluno eu vejo mais em relação à comparação que ele faz com o que ele encontra aí fora.

No trecho acima, a falta de motivação e interesse do aluno está associada aos atrativos que a criança e o adolescente encontram fora da escola, promovidos pelo modo de vida pós-moderno (cf.2.4.2). Estes atrativos, que oferecem, segundo a professora Mariana, “um universo tão grande” através do computador e da *internet*, quando comparados ao ritmo lento da escola, e seus conteúdos,

atividades e conceitos que, muitas vezes, remontam ao século XVI, fazem com que esta seja considerada chata e enfadonha para os mesmos.

O discurso da professora Mariana tende a eximir o professor de sua co-responsabilidade com os problemas disciplinares. O professor, em seu discurso é construído como impotente frente à tecnologia que rodeia os alunos e impedido de atuar devido à falta de recursos tecnológicos que a escola apresenta. Assim, os professores se convencem de que pouco podem fazer para reverter as dificuldades e se acomodam, procurando estratégias para conviver com esse grave quadro que se repete diariamente no contexto escolar (Outeiral e Cerezer, 2005). Desta forma, a culpa desta questão recai, a partir de uma visão psicologizante de disciplina (3.2.2), sobre o aluno que, inserido na sociedade pós-moderna, tecnológica, de velocidade estonteante, etc., não se adapta à escola, não se interessa pelas atividades e não se mantém atento e concentrado. Assim como a professora Mariana, a professora Fabiana, de português, caracteriza a escola como estática em relação à sociedade pós-moderna.

Profa. Fabiana – português – 21/10/05

E: A gente escuta muitas reclamações sobre indisciplina na escola. O que que você acha que ta causando essa indisciplina hoje em dia?

F: Primeiro, a sociedade mudou muito, é, nós estávamos numa sociedade, é, muito, tradicional, e, de repente, **abriram-se todas as porteiros** e disseram “vambora”, e aí o aluno fica naquele limite. É aquela coisa, o rompimento da tradição e de repente uma liberdade incondicional que não tem limite.

Segundo a professora de português, a sociedade ao “abrir todas as porteiros”, além de tornar-se altamente veloz, perdeu o controle sobre os indivíduos ao dar-lhes liberdade excessiva. Houve, portanto, uma ruptura de paradigmas sem que a escola tenha tido condições de se adequar ao modo de vida da sociedade pós-moderna.

Também a professora Márcia, a seguir, enfatiza a diferença entre a velocidade da vida e da escola, como um fator que gera desinteresse nos alunos.

Profa. Márcia – matemática – 13/02/06

Olha, eu acho que é aquele velho problema, que a escola não é interessante para ele, ele tem muitas coisas mais interessantes do lado de fora, cada vez mais, tá? O mundo deles, tá ... numa velocidade completamente diferente da velocidade da escola. É como se ele entrasse aqui na escola, tivesse um **reductor de velocidade**, de vez em quando, esse reductor não funciona, e ele extrapola e ele vai pro brejo. (...) a gente tem uma, uma forma de escola muito estática, é você chega lá, vai pra sala de aula, “oi gente, boa tarde, boa noite, bom dia”, vai pro quadro, passa lá, explica, tudo bem, que a gente tenta no máximo possível, tenta ver o caso de cada um, mas é uma coisa muito, muito, é, não tem atrativo pra eles, então eu acho que isso incentiva o cara a ficar de bate-papo.

Márcia utiliza uma metáfora interessante ao mencionar que o aluno, ao entrar na escola, necessita acionar um “reductor de velocidade”. Este reductor de velocidade seria responsável por auxiliar o aluno, que vive a velocidade pós-moderna, a se adaptar ao ritmo lento da escola tradicional. No entanto, quando afirma que o aluno, inserido neste contexto em que tudo é velocidade, não se acomoda ao ritmo da escola, reflete uma visão psicologizante de disciplina (cf. 3.2.3), pois ela não leva em conta que a escola também demonstra dificuldades de se adaptar à velocidade pós-moderna. Deste modo, a culpa para a indisciplina recai somente sobre o estudante.

Assim como a professora Márcia, o chefe do SESOP, Carlos, também aponta o mundo globalizado, com valores éticos e morais diferentes daqueles defendidos pela escola, como um fator gerador de indisciplina.

Carlos – Chefe do SESOP – 16/04/05

E: O que que você acha que tem gerado esses problemas de disciplina que a gente passa toda hora?

C: Bom, eu costumo dizer, tenho dito até que isso faz parte de todo um contexto social que estamos vivendo. O liberalismo da sociedade, a evolução trouxe determinadas normas de conduta e nem sempre eu acho elas salutares. Eu acho que falta na juventude identificar e filtrar, né. Eles absorvem as mensagens, eles reproduzem comportamentos, normalmente impostos pela mídia, e por sua vez a família tá muito afastada ... Aí, ele tende a reproduzir esse sistema, e aí **surge a mídia com um ideal de escola de terceiro mundo**, desses programas aí da vida, e isso se contrapõe à realidade da escola pública no Brasil, que não vai se enquadrar nunca nesse molde e aí nós temos exatamente o conflito, porque ele não vai conseguir se situar muito nisso.

A partir de um ponto de vista bakhtiniano, pode-se perceber que a dissonância entre os discursos entre escola e sociedade está cada vez mais acentuado. A escola tem seus objetivos, valores e expectativas de comportamento, gerados pelo papel que ela desempenha na sociedade. No entanto, o aluno, ao ingressar nesta instituição, traz consigo o conhecimento de mundo que vivencia na sociedade pós-moderna, que se apresenta, entre outras características, como uma sociedade extremamente liberal. Além disso, a família não está presente na vida da criança/adolescente como no passado, deixando um enorme espaço para a atuação da mídia, que por sua vez, reproduz, muitas vezes de forma acrítica, os valores éticos e morais da sociedade na qual está inserida (cf. capítulo 2.4).

Desta forma, o estudante, como afirma Carlos, se vê ente dois discursos extremamente dissonantes: o da escola, tradicional e muitas vezes autoritário e disciplinar, e o da sociedade, fluido, dinâmico e liberal. A dissonância entre os discursos da escola e da sociedade gera um choque de expectativas, uma vez que os alunos utilizam na escola o conhecimento de mundo, as crenças, os valores éticos e morais que trazem de suas experiências na sociedade. Contudo, o discurso desta instituição está pautado em uma visão tradicional e não aceita os discursos dissonantes trazidos pelos alunos, gerando conflitos disciplinares, uma vez que a escola tem a expectativa monológica de uma consonância total, impossível de ser atingida. Assim, ela refuta os discursos dos alunos, caracterizando-os como errados, inadequados à escola.

De acordo com o discurso dos sujeitos, a escola atual, estática, desinteressante, antiquada, e autoritária, não consegue seguir os passos da sociedade pós-moderna na qual ela está inserida. Por este motivo, a escola se fecha em seus princípios e não se adapta ao modo de vida atual. Uma das características desta escola é não levar em consideração o conhecimento de mundo de seus estudantes. Ao agir deste modo, ela se distancia dos alunos causando um descompasso que gera uma série de problemas disciplinares (cf. 2.4.2). O discurso do professor de Educação Física, Marcelo, aponta para esta situação da escola atual.

Professor Marcelo – educação física – 26/08/05

A escola, pelo seu lado, ela também tem, ela tem ficado aquém da velocidade de informações que o aluno tem adquirido graças à televisão, internet, radio, *orkut*, *blog* e daí por diante, e a escola ainda não entendeu qual é o seu papel nesse novo paradigma, que é o paradigma da velocidade em tempo real. Então, eu acho que a escola ainda vive um processo de ela não se entender ainda qual é o seu papel social, e o professor ainda é **relativamente perdido** do que é a disciplina numa realidade nova dessa, da nova sociedade contemporânea.

O professor Marcelo enfatiza que a escola está perdida em meio a uma crise de paradigmas, sem conseguir definir qual é o seu papel social. Isto ocorre porque, no passado, a escola não era acessível a todos os cidadãos e, desta forma, só os filhos das classes mais abastadas podiam freqüentá-la. Nos dias de hoje, apesar da democratização do acesso ao ensino, a escola não se adequou à sua nova clientela, uma vez que seus conteúdos, valores, crenças e metodologias ainda remetem ao ideal de ensino moderno voltado para a elite (cf. cap. 2). Por não saber exatamente qual o seu papel social e não estar adaptada à clientela a que serve, a escola acaba por não definir claramente que disciplina deve tentar estabelecer em seu interior, e acaba por tentar fazer com que os alunos, que vivem na pós-modernidade apresentem o padrão de comportamento que era esperado (e imposto) dos alunos do passado. Assim, o professor, que é o representante da instituição que lida na sala de aula com este problema “fica relativamente perdido”, nas palavras do professor Marcelo, quanto ao papel da disciplina na nova sociedade contemporânea, uma vez que ele também não sabe como agir em relação às mudanças que ocorreram na sociedade.

A professora Fabiana também aponta a dificuldade que a escola tem de redefinir seu papel na sociedade atual (cf. capítulo 8).

Profa. Fabiana – português -21/10/05

F: (...) E o aluno acha que a escola deveria ensinar a eles de uma forma diferente como ele aprende em todos os lugares. Como ele aprende na Internet, como ele aprende na TV, como ele aprende, enfim, em outros meios de comunicação, então ele gostaria que a escola fosse mais dinâmica, né, aí, ele pergunta o de sempre, que agora ta sendo renovado com todo o gás “porque que eu tenho que estudar aí, porque isso vai servir para mim, que função isso tem na minha vida?”, o tempo corre, tudo corre, e ele precisa parar para aprender aquilo. (...) Vamo dizer, a sociedade mudou muito, os papéis mudaram e a escola não, digo, **continua a mesma**; mas a escola tem dificuldades para reunir, para, para, é, acolher essas dificuldades, né, e os professores, a formação dos professores ainda é muito tradicional, a formação deles é de uma escola que não existe mais.

Ao se deparar com uma escola que, segundo Fabiana “continua a mesma”, trabalhando da mesma forma e enfatizando os mesmos conteúdos do passado, o aluno, que recebe da mídia “um ideal de escola de terceiro mundo”, de acordo com as palavras do chefe do SESOP, Carlos, passa a se questionar qual a utilidade do que ele recebe desta instituição. Assim, os alunos se sentem desmotivados por causa da enorme dissonância entre a vida cotidiana e a vida escolar, e essa desmotivação acaba por gerar problemas disciplinares. O discurso da professora Fabiana reflete a crise de paradigmas pela qual a escola está passando e enfatiza a distância de objetivos entre alunos, escola e sociedade.

6.2.3.

As professoras como ex-alunas

Dentre os dados gerados através das entrevistas, os discursos das professoras Alice, de filosofia, e Carla, de ciências, duas ex-alunas da instituição chamaram minha atenção, pois seus discursos ecoavam vozes semelhantes. Conforme mencionado no capítulo de metodologia, Alice, 28 anos, professora de filosofia, é ex-aluna do colégio, tendo concluído o Ensino Médio em meados da década de 90. Formou-se em filosofia pela UERJ em 2000. Trabalhou de 2000 a 2002 como contratada da escola e retornou como efetiva em 2003. O trecho abaixo ilustra como sua visão em relação à disciplina da escola foi construída e ecoa em seu discurso.

Profa. Alice - filosofia – 26/08/05

Eu acho que em algumas, prá algumas coisas, ela é **muito tradicional, em relação ao uniforme, aos horários, né**, certos compromissos, mas não acho que seja excessivo, não. Eu acho que **tá numa boa medida**. (...) Então, em termos disciplina, ela, nem, nem, **eu considero extrema nem relaxada demais, ela está no meio-termo**. Na minha opinião, ela devia ser um pouco mais, ostensiva, mais forte.

Ao ser indagada sobre sua opinião em relação à disciplina da escola, a professora utiliza a expressão “meio-termo” e afirma que ela “está numa boa medida, nem relaxada nem extrema”. O uso desses vocábulos aponta que seu discurso está em consonância com o discurso disciplinar da instituição. No mesmo trecho, ela também afirma que a disciplina é tradicional em alguns aspectos (uniforme e horários), que para ela não é uma característica ruim. Porém, a cobrança do uniforme e da pontualidade não é excessiva, podendo ser até mais forte e mais ostensiva.

O trecho destacado acima demonstra que a professora, ao caracterizar a escola como sendo um espaço onde a disciplina está equilibrada, mas, ao mesmo tempo, necessitando de mais rigor, ecoa duas vozes distintas e reflete dois momentos sócio-históricos distintos vivenciados por ela na instituição. Como aluna, ela viveu de modo mais forte a questão da disciplina tradicional, que durante muitos anos (desde sua fundação, há 170 anos) foi o modelo que regeu os padrões disciplinares desta tradicional instituição. Vivenciou um modelo de disciplina foucaultiano, com o controle dos corpos dos estudantes através da organização do espaço (organização dos alunos em fileiras) e do tempo (divisão do tempo escolar em grades curriculares), através da cobrança do uso “correto” do uniforme, a utilização de mecanismos disciplinares e a constante ameaça de punição, através das advertências e suspensões. Seu discurso ecoa a voz da instituição na qual foi aluna, e ainda hoje é representada através de seus códigos de conduta, manuais do aluno que buscam controlar os alunos e estipulam regras e punições.

Como docente, ela vivencia um outro momento da instituição, que, apesar de ainda preservar muitas das características tradicionais de disciplinamento criticadas por Foucault (1975 [2000]), apresenta também outras características

típicas de uma escola na pós-modernidade, onde já não a autoridade autoritária tem perdido espaço. Em seu discurso, a professora reconhece esta mudança e afirma que a disciplina “está numa boa medida”. Este reconhecimento também advém de sua experiência e formação docente, que lhe proporcionaram a exposição a outras vozes que compreendem de formas diferentes as questões disciplinares, e, desta forma, contribuíram para construir seu discurso em relação à disciplina. Por isso, seu discurso aponta para uma dissonância que demonstra como seus conceitos sobre este tema foram (e têm sido) construídos. A existência dessas duas perspectivas na entrevista da professora Alice demonstra, do ponto de vista bakhtiniano (cf.4.3), como seu discurso se apresenta como uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias que estão em movimento permanente (Faraco, 2003), ou seja, aponta que seu discurso foi, e ainda é, construído e constituído pelas diversas vozes às quais foi e ainda é exposta.

Assim como a professora Alice, Carla, professora de ciências/biologia, de 28 anos, também é ex-aluna da escola, tendo terminado o Ensino Médio em 93. Formou-se na UFRJ em 1999, já trabalhou em escolas particulares e públicas, e está na instituição desde 2004, onde leciona principalmente para alunos do ensino médio. O trecho abaixo, que selecionei para ilustrar como Carla constrói seu discurso disciplinar, aponta para semelhanças com o da professora Alice.

Profa. Carla- biologia – 16/08/05

Aqui é o **meio-termo. Nem um extremo nem o outro.** A gente tem um quadro, até por causa do lugar onde a gente tá, eu não sei se isso se repete nas outras unidades da instituição, a gente tem um equilíbrio entre esses fatores, **em alguns momentos, é, eu acho que falta disciplina, corre muito frouxo, e outros momentos a gente tem a mão certa prá, prá segurar.** (...) Eu não acho que a gente tenha aqui no colégio um problema de disciplina tão grave quanto a gente tem em algumas outras instituições, a gente ainda tem como **segurar a rédea.**

Como Alice, Carla também utiliza a expressão “meio-termo”, acrescentando a questão do equilíbrio (“nem um extremo nem o outro”, em suas palavras). Este equilíbrio, se torna mais aparente quando a mesma compara a escola analisada com as outras escolas nas quais já atuou ou atua. O que prevalece para ela é que não há problemas graves de indisciplina como em outras instituições e, por isso, a

disciplina do colégio é equilibrada.

Porém, esta professora também ecoa a voz da disciplina tradicional que remete à idéia do controle, quando ela utiliza as expressões “mão certa para segurar”, “segurar a rédea”. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a professora afirma que há um equilíbrio, ela enfatiza que há momentos em que falta disciplina, que, a seu ver, a disciplina é frouxa, isto é “corre muito frouxo”. No entanto, a comparação que a professora estabelece demonstra que, a partir de uma visão bakhtiniana, a escola não é uma instituição monológica, onde há somente uma possibilidade discursiva. Há um constante jogo de forças e de poder que faz com que a disciplina seja percebida por seus participantes de modo diferente. Esta instabilidade é uma característica do mundo atual, não linear.

Os discursos das professoras Alice e Carla ecoam a voz da instituição, que durante seus 170 anos de existência, sempre primou pelo rigor disciplinar. Estas duas professoras, por serem da mesma idade e terem frequentado o colégio na mesma época, vivenciaram durante muitos anos o modelo tradicional de disciplina, que se pautava no rígido controle dos alunos, na punição e na importância dos rituais (forma, hino, levantar para a entrada dos professores (cf. 5.4)).

Por outro lado, estas professoras ecoam também outros discursos com as quais tiveram contato em diferentes momentos de suas vidas. De um lado, há a formação acadêmica. Por outro, a experiência profissional, que faz com elas entrem em contato com diferentes visões acerca da disciplina, uma vez que ambas atuaram e/ou atuam em outras instituições de ensino que ecoam outras vozes a respeito deste tema.

A presença de duas concepções de disciplina antagônicas no discurso das professoras faz com que seus discursos pareçam bastante paradoxais. No entanto, este paradoxo pode ser compreendido, baseado na visão bakhtiniana de linguagem e de mundo (cf.4.1) como a presença das diversas vozes dissonantes que compõem o discurso coexistindo em multissonância dentro dos discursos dessas duas professoras, como o “agitado balaio de vozes” que discutirei a seguir.

6.2.4.

O “agitado balaio de vozes sociais”

O discurso dos indivíduos é sempre construído por muitas vozes sociais, uma vez que o ser humano deve ser compreendido como um “agitado balaio de vozes sociais” (Bakhtin 1992[1992]). Assim, é possível afirmar que nosso discurso, nossas concepções, crenças e atitudes em relação à questão disciplinar são o resultado de uma luta interna, na qual as várias vozes de nosso passado e presente se interligam através da teia social da linguagem, que é formada através da internalização das vozes dos outros (Holquist, 1990, Faraco, 2003).

No discurso dos professores, é possível observar como as vozes das diferentes visões em relação à disciplina estão interligadas, assim como fica evidente o embate entre as diversas vozes que compõem o discurso dos indivíduos. Para exemplificar como essas vozes se interpõem e, por vezes, se contrapõem nos discursos dos professores, examinarei a seguir o discurso do professor de física, Sandro, de 38 anos, que leciona na escola há dez anos e há quatro anos trabalha em regime de Dedicção Exclusiva (DE). Anteriormente, atuava também em outras instituições particulares de ensino.

Quando solicitei ao professor que explicitasse o que entendia como disciplina, o professor respondeu à minha pergunta com a seguinte definição.

Prof. Sandro – física – 19/08/05

Bom, eu acho que a disciplina é um grupo de pessoas que respeitam **algumas regras que elas acham que, que são adequadas pra alguma coisa funcionar bem**. Por exemplo, se elas acham que podem conversar em um determinado momento fazendo atividades, mas quando outra pessoa vai falar, fazer silêncio, isso é disciplina.

Esta definição ecoa a voz da disciplina consciente e interativa (cf. 3.2.4), uma vez que ele situa a disciplina com uma decisão de um grupo acerca das regras que regulam o trabalho destes indivíduos, como diz o professor “que são adequadas para alguma coisa funcionar bem”. Para ele, portanto, o professor não é aquele que define, ou representa a voz da instituição para determinar sozinho as

regras que devem ser impostas aos alunos, ele é mais um elemento no grupo que decide em conjunto o que é ou não adequado para todos.

No entanto, quando a questão da punição é discutida, o discurso do professor Sandro ecoa uma visão tradicional de disciplina (cf. 3.1), que se baseia em um sistema que combina vigilância e sanção disciplinadora (Foucault, 1975[2000]). Um exemplo da voz de Foucault no discurso de Sandro aparece no trecho abaixo. Para ele, a punição é tida como um valioso instrumento pedagógico, uma vez que garante a manutenção da disciplina em sala de aula. Em seu discurso estão presentes as palavras “penalidade” e “punição”, e ele defende um critério único de punição para todos, indistintamente e sem levar em conta o contexto do evento de indisciplina.

Prof. Sandro – física -19/08/05

S: Eles (os professores de antigamente) eram menos permissivos em relação às regras, a regra era essa e todo mundo tinha que cumprir, se não cumprisse, ... tinha sempre uma, uma, uma **penalidade**. Hoje, não, quando o professor não cumpre, quando alguém não cumpre, quando qualquer pessoa da escola não cumpre, **o professor sempre dá um sermão**, mas não tem **penalidade**.

E: Não tem mais **punição** como no passado.

S: **Punição. É. É como se punição fosse uma coisa ruim no espaço educativo.** Não é necessariamente ruim desde que tenha critérios. **Um critério para todo mundo.**

E: Você acha que **falta punição** pros alunos?

S: Eu acho que falta. Pros nossos alunos e pros nossos profissionais também. É, de um modo geral. Porque ... se ... qualquer elemento da escola, não faz a regra, não cumpre a regra, não acontece nada. O outro segmento vai se sentir no direito de também não cumprir a regra você pode falar ... aluno é aluno, professor é professor. É verdade, eu acho que o aluno tem que esperar o professor mesmo que ele chegue atrasado (...) Mas aí, eu acho que, se coisas pequenas fossem punidas, quando necessitasse, não precisava ser qualquer coisa. Mas se fossem aplicadas as **penalidades** ...

Quando o professor afirma que “o professor sempre dá um sermão – que não significa negociar ou dialogar - mas não tem penalidade”, é possível observar uma crítica à visão liberal de disciplina (cf. 3.2.1), que, em seu ponto de vista, parece prevalecer na escola. Em suas palavras, os docentes de hoje, diferentemente dos professores de antigamente, são permissivos, a escola não

pune os desvios, somente conversa e não age, não aplica penalidades, como seria esperado na perspectiva da disciplina tradicional.

Seu discurso demonstra que, em sua opinião, a punição fazia (ou faria, se fosse utilizada atualmente) com que houvesse um melhor comportamento dos alunos (e também dos professores e funcionários), gerando indivíduos mais educados, cientes e obedientes a regras. No entanto, não é possível afirmar que a educação punitiva, típica da disciplina criticada por Foucault, tenha formado uma geração melhor, de cidadãos conscientes e seguidores das regras. Este tipo de visão educacional formou indivíduos obedientes, mas também pouco criativos e autônomos, e muitas vezes, quase incapazes de agir por seus próprios pensamentos. A disciplina que Foucault criticava almejava formar indivíduos meramente produtivos para o sistema econômico vigente, indivíduos que seriam plenamente adaptados a cumprir ordens, a fazer o que lhes fosse mandado, sem questionamentos e sem iniciativa, almejava formar o ser humano útil à produção industrial (cf.3.1). Além disso, o fato de o professor “dar um sermão”, como diz o professor, não significa que a escola esteja adotando uma visão liberal de disciplina, mas que o professor está tentando mostrar a seus alunos quais são as atitudes corretas e esperadas pela instituição.

Na verdade, a falta de punição segundo os padrões foucaultianos ocorre na escola por uma série de motivos. Em primeiro lugar, os educadores têm se dado conta de que as punições da escola tradicional não têm surtido efeito como no passado. Os alunos não têm mais medo de advertências ou suspensões e nem se sentem envergonhados por serem punidos desta forma.

6.3.

A voz dos funcionários técnico-administrativos

Ao contatar os funcionários dos dois setores que lidam diretamente com as questões disciplinares para realizar meu trabalho de pesquisa, apenas dois funcionários do SESOP e um funcionário da Disciplina se mostraram dispostos a serem entrevistados. Atribuo essa dificuldade ao fato de ser diretora adjunta e muitas pessoas não se sentem confortáveis em serem entrevistadas por um funcionário de nível hierarquicamente superior, apesar de eu ter deixado bem claro que os dados gerados seriam utilizados somente para minha Tese de Doutorado. Também afirmei que aquela entrevista em nada tinha relação com a questão profissional e em nada influenciaria na avaliação da direção em relação a eles. Alguns disseram que participariam da entrevista, mas nunca tinham tempo para serem entrevistados. Por isso, decidi entrevistar somente os três funcionários que se mostraram disponíveis.

Analisando o discurso desses funcionários técnico-administrativos, constatei que o funcionário que atua no setor da disciplina, Daniel, ecoa a voz da disciplina tradicional (3.1), como é possível observar no trecho a seguir.

Daniel – inspetor – 13/04/05

E: Na sua opinião, o que é disciplina?

D: É um conceito meio estranho de se fazer. É, primeiro, a gente segue um **estatuto** que o colégio tem uma **norma**, já tem **um código disciplinar** e a **gente procura seguir o código disciplinar** do aluno, é ... o adolescente é um ... já por natureza um ... já é, agitado, é, é, contestador, então tem **algumas coisas que você tolera**. Mas desde o momento que isso começa a ofender ... a ... a afetar a sala de aula, e, os, os outros, e isso contagia os outros alunos ... aí eu considero isso uma indisciplina.

Este inspetor, que trabalha na unidade analisada há cerca de 16 anos, atua nesta função há cerca de oito anos. É formado em Administração e trabalhava no DNER (Departamento Nacional de Estradas e Rodagens), quando foi transferido para o colégio. Antes de atuar na Disciplina, Daniel atuava no Departamento de Pessoal (D.P.). Foi deslocado para a disciplina, pois a direção avaliou que seu

perfil era condizente com as atividades deste setor, porém nunca recebeu por parte da instituição nenhum tipo de treinamento para atuar como inspetor. Apesar de não ter sido preparado para a função, tem obtido bastante sucesso em seu trabalho, tem um excelente relacionamento com os alunos do Ensino Médio (sua área de atuação) e seu trabalho sempre possui uma boa avaliação por parte da chefia e dos professores nos Conselhos de Classe (COCs).

Seu discurso ecoa a voz da disciplina tradicional ao enfatizar a regra, o estatuto, o código disciplinar, ou seja, para este inspetor, a função da escola, e a sua função, enquanto representante do poder desta instituição é fazer com que este código seja cumprido pelos alunos (cf. 3.1). No entanto, ao enfatizar a natureza agitada e contestadora do adolescente, demonstra também já ter desenvolvido sua sensibilidade profissional. Por este motivo ele afirma que ele, enquanto inspetor “tenta cumprir o código disciplinar”, mas admite que “tem certas coisas que a gente tolera”. Essa tolerância por parte do inspetor demonstra que a voz da disciplina tradicional coexiste, no discurso deste participante, com a voz da experiência profissional do mesmo, que ecoa a disciplina consciente e interativa, a qual leva em conta as características dos indivíduos que estão envolvidos na relação disciplinar.

Diferentemente do inspetor Daniel, os dois funcionários do SESOP – o chefe Carlos e a orientadora Rafaela - ecoaram em suas entrevistas a voz da disciplina consciente e interativa (3.2.4). Ambos enfatizaram a questão do contrato, do acordo, da construção de regras (cf capítulo 7), e que podemos observar no trecho abaixo, retirado da entrevista do chefe do SESOP, Carlos.

Carlos – chefe do SESOP – 16/04/05

(...) eu acho **que essa disciplina tem que ser construída através de um pacto entre as partes** (...) através desse pacto entre professor e aluno, nesse sentido do que ele propõe enquanto professor, do que meta dele, é, né e aí sim através desse pacto, eu acho que pode construir a famosa disciplina dentro de sala.

O discurso do chefe do SESOP sugere uma postura de disciplina consciente e interativa (cf. 3.2.4), que se caracteriza como a construção de regras coletivas, de acordos entre as partes, resultado de uma negociação e construção coletiva e cooperativa de trabalho e das relações humanas, o “pacto”, segundo as palavras do

entrevistado. Seu discurso ecoa a voz de sua formação acadêmica, já que Carlos cursou especialização em Educação, na área de orientação escolar, e também a voz de sua atuação profissional, pois no setor onde trabalha ele tem por função mediar as questões polêmicas em relação à questão disciplinar. Em geral, essas questões são resolvidas após discutir o problema com as partes envolvidas (alunos, professores, direção, inspetores, responsáveis) e, a partir destas discussões, buscar soluções para os problemas disciplinares. Essa visão ampla dos problemas faz com que este orientador deixe de ecoar a visão tradicional, que prioriza o cognitivo, e passe a ecoar a visão consciente e interativa, que tem como característica levar em conta todas as áreas que compõem o ser humano e que constroem seus discursos e suas atitudes em relação à questão disciplinar.

Assim como o chefe do SESOP, a orientadora Rafaela também ecoa a voz da disciplina consciente e interativa (cf. 3.4.2), enfatizando o conceito de construção, além da noção de acordos/contratos.

Rafaela - funcionária do SESOP - 02/02/06

É, disciplina, hoje, **dentro do enfoque da sociedade hoje**, deveria ser, é, uma disciplina, ..., é, **construída**. Uma disciplina onde professor e alunos vão **construir** as regras dentro da sala de aula. (...) Essa disciplina deveria ser construída e não deveria ser uma disciplina impositiva. Porque ela não funciona mais, ela tá completamente alijada do nosso sistema. Essa disciplina, ela não funciona mais nem dentro das casas e nem nas escolas, não é ser permissivo, permitir tudo.

A orientadora Rafaela aponta que a disciplina autoritária, impositiva (cf.3.1), ou seja, a disciplina tradicional, não funciona mais no contexto escolar atual, e ao defender que a disciplina na sala de aula, “no enfoque da sociedade hoje” deve ser construída entre professor e alunos. Este discurso ecoa a voz de sua formação, pois esta orientadora, assim como o chefe do SESOP, possui especialização na área de Educação, e, por conseguinte, ambos entraram em contato com uma série de discursos que valorizam a co-construção não somente do conhecimento, mas também como de regras disciplinares no contexto escolar.

Carlos – chefe do SESOP – 16/04/05

E: Por parte dos alunos, quais são as reclamações que vocês costumam ouvir dos problemas que eles enfrentam em sala de aula?

C: Eles falam que não são entendidos pelos professores, né? (...) Outros até se sentem injustiçados, quando às vezes existe um descontrole da turma como um todo, ... **por conta dessa falta de clareza de objetivos**, e de profissionais que às vezes fingem que não estão vendo determinados problemas, **não contém o problema**, e aí, pegam, naquele momento virou pro lado foi falar com o amigo aí, é posto pra fora de sala, é o bode expiatório da situação.

No entanto, a disciplina consciente e interativa que ecoa no discurso dos funcionários do SESOP, por vezes é interpretada por alguns professores como um ato de afronta do setor em relação ao trabalho do docente, uma vez que, em muitos momentos, os orientadores defendem os alunos nas situações disciplinares, criticando também o discurso dos professores, que não “contém o problema” por falta de uma clareza de objetivos e por falta de entendimento com os estudantes. A defesa dos alunos é interpretada pelos professores como “excesso de paternalismo da escola”, como é possível observar no trecho retirado da entrevista da professora Dirce, de português.

Profa. Dirce – português – 19/08/05

E: os alunos ´tão muito indisciplinados. Que que você acha que causa essa situação de indisciplina?

D: (...)Deixa eu ver outro... Além da desestruturação da família ... **o excesso de paternalismo da escola.**

E: Como assim?

D: **Isso é gerado pelo Setor de Orientação Educacional.** Eu vejo dessa maneira. **Esses setores de orientação, que fazem orientação educacional da escola têm a tendência de paternalizar o aluno**, entendeu? Então, o aluno tudo que o aluno faz é muito ... certo ... e o professor tá sendo questionado, entendeu? Quer dizer, então eles passam a mão na cabeça do aluno, no fim, não há mais punição para esse aluno.

Os dois trechos, do orientador Carlos e da professora Dirce, demonstram que há uma enorme dissonância entre o discurso de alguns professores e o discurso dos orientadores do SESOP. No passado, quando este setor não atuava de forma tão presente no cotidiano da escola, resolvendo situações de disciplina e mediando questões entre professores, alunos, direção e responsáveis, o discurso

disciplinar era monológico, uma vez que a verdade do professor era a única verdade possível e inquestionável. Não havia nenhum tipo de questionamento acerca das atitudes dos professores, que, por vezes, eram bastante autoritários quanto à disciplina e às punições aplicadas aos alunos. Quando o setor passou a atuar como mediador, em muitos momentos tem se mostrado contrário à posição dos professores e defendido os alunos. Assim, foi instalado no contexto da escola analisada um mal-estar velado, pois, alguns docentes não se sentem confortáveis em ter seu discurso monológico questionado e passam a acusar os orientadores de “paternalizar os alunos”.

O discurso da professora Dirce ecoa a voz de sua experiência profissional, pois a mesma é professora há 35 anos e atua na instituição analisada há vinte e cinco anos, tendo sido inclusive diretora de uma unidade de 1º ao 5º ano. Em sua experiência como professora e diretora, Dirce não vivenciou uma atuação mais efetiva do SESOP, fato que tem ocorrido nos últimos 10 anos, quando este setor, por conta das mudanças na LDB passou a ter funções mais diretamente relacionadas ao acompanhamento do trabalho pedagógico e disciplinar. Por este motivo, os discursos da professora e dos funcionários do SESOP se tornam dissonantes, uma vez que ela ecoa a voz de sua experiência profissional, enquanto os outros ecoam uma visão disciplinar mais atual, pois procuram ouvir os dois lados das questões disciplinares.

A afirmação de que os alunos parecem ser protegidos pelo SESOP também aparece no discurso do inspetor de alunos, Daniel.

Daniel – inspetor – 13/04/05

(...) teria que sentar todo mundo e sem estrelismo (...) Eu acho isso, porque já aconteceu algumas vezes, dependendo não só dos professores, mas do nosso serviço de orientação, é ... já tivemos problema porque o que, o desse colégio, não sei dos outros, é, ..., **é, muito protecionista** ... então eu acho que os alunos, às vezes, a sala é do lado, eles quando vêm (pra sala da Disciplina, que na época era ao lado do SESOP), eles entram direto no SESOP pra poder não, porque **tem gente no SESOP que passa a mão escondido**, quando a gente vê, a gente vai lá, pega “que que houve, não, não, aconteceu isso e isso” e o SESOP “ não, porque não é assim, o aluno ...”

A crítica do inspetor Daniel ao “protecionismo” do SESOP, que “passa a mão na cabeça do aluno”, encobrindo o seu erro e se colocando contra professores

e/ou inspetores, está em consonância com o discurso da professora Dirce. Tanto professores quanto inspetores, quando dão uma advertência ou tiram um aluno de sala, raramente possibilitam a este aluno expressar sua opinião ou se defender das acusações feitas pelo professor ou inspetor contra ele, fechando-se para o diálogo. Ao chegar ao SESOP, o aluno recebe do orientador o direito de se colocar sobre a questão, e, deste modo, o orientador dialoga com as partes em cada situação. Em alguns casos, o orientador intervém a favor do aluno, seja porque este apresentou suas motivações para o evento de indisciplina ou porque sua compreensão do fato, reconstruído pelas diversas vozes o leva a fazer isso. Essa posição muitas vezes não é bem recebida por professores e inspetores, que esperam deste setor (e da instituição como um todo) consonância total com seus discursos, e, portanto, compreendem essa dissonância como uma perda de autoridade e uma consonância incondicional com o aluno, que nem sempre retrata o que realmente ocorreu. A dificuldade de aceitar o posicionamento dos orientadores do SESOP nas questões disciplinares pode demonstrar que certas crenças, como a de que o professor é a autoridade máxima e não deve ser questionado, permanecem resistentes a mudanças mesmo diante de novos paradigmas (Basso, 2006).

6.4

A voz dos alunos

Assim como ocorreu em relação aos funcionários, ao buscar os alunos para entrevistar, encontrei um pouco de resistência por parte destes, talvez devido a minha posição de poder (diretora adjunta). É importante mencionar que todos os participantes entrevistados haviam sido meus alunos, o que, com certeza, contribuiu para estabelecer uma relação de confiança entre eles e mim. No entanto, eles, em geral, foram bastante lacônicos em suas respostas, o que reforça a interpretação de que, apesar de me conhecerem como ex-professora, estavam se sentindo desconfortáveis com a situação de entrevista. Enquanto professores e funcionários por vezes emendavam um assunto em outro e exemplificavam o que estavam discutindo, os alunos quase sempre se limitavam a responder à pergunta feita por mim de modo bastante direto e sucinto e, às vezes, com frases bastante curtas.

Quando analisei os discursos dos alunos, pude observar que a voz da disciplina tradicional ainda ecoa no discurso de alguns desses estudantes. A visão de disciplina arraigada a conceitos da era moderna (cf. 2.2) entende o aluno como um ser uno, com identidade fixa, dócil e produtivo, que obedece às regras impostas pela instituição, e não leva em consideração as diferentes identidades fragmentadas que encontramos na pós-modernidade. Esta visão de disciplina ecoa na voz da aluna Ana, como podemos observar no trecho abaixo.

Ana -3ª série do Ensino Médio - 10/02/06

Disciplina é seguir as normas. Se você é disciplinado, você procura seguir as normas. Uma pessoa disciplinada é uma pessoa que tá sempre buscando aquilo, **seguir as normas**. É isso que diferencia uma pessoa disciplinada de uma pessoa indisciplinada.

Neste curto trecho, a aluna Ana utiliza o termo *norma* três vezes, ecoando a voz da disciplina criticada por Foucault (cf. 3.1), que tem no controle dos indivíduos um de seus instrumentos disciplinares. Ao afirmar que a disciplina é “seguir as normas”, esta aluna, que, na época da entrevista havia estudado no colégio durante sete anos, está ecoando a voz da instituição, a qual apresenta em

seu discurso uma grande preocupação com a obediência às regras estabelecidas pela Direção Geral, isto é, com o poder instituído oficialmente (cf. capítulo 8.1).

O trecho retirado da entrevista de Ana pode ser interpretado de dois modos. A primeira interpretação é que esta aluna foi exposta principalmente ao discurso disciplinar tradicional durante seu percurso enquanto participante do contexto escolar, e que este discurso foi internalizado por ela. A segunda interpretação pode ser que, ao ser entrevistada por um membro da direção (uma diretora adjunta), Ana ecoa a voz da instituição para mostrar à diretora adjunta e ex-professora que está em consonância com o discurso da escola. No entanto, por conhecê-la desde que foi minha aluna na 7ª série e saber que Ana sempre foi considerada bastante disciplinada, a primeira interpretação se mostra a mais adequada para compreender seu discurso. Esta é uma aluna que internalizou as características do bom aluno, segundo a disciplina tradicional (cf.3.1): obediente, responsável e que segue sem questionamentos as normas determinadas pelas instâncias superiores.

A voz da disciplina tradicional (cf. 2.2), tão clara no discurso de Ana, não encontra eco em Rebeca, outra aluna da 3ª série do Ensino Médio.

Rebeca -aluna -3ª série do Ensino Médio - 02/02/06

Acho que a disciplina, é, você aceitar as normas impostas pelo colégio, mas, assim, eu acho que algumas normas que se você pensa que são exageradas você cogitar **ou você procurar conversar com o diretor ou até então com um inspetor prá ver se chega num comum acordo** de ver se essa disciplina tá mesmo sendo imposta da maneira certa. Que eu acho que às vezes há um exagero, e às vezes não.

Como podemos observar no trecho acima, diferentemente da aluna Ana, que enfatiza em seu discurso a obediência às normas, Rebeca demonstra uma atitude crítica em relação à aceitação das normas impostas pelo colégio, uma vez que esta já propõe a busca de um diálogo com as instâncias superiores de controle da instituição (inspetor, diretor), na tentativa de negociar as regras e chegar a um acordo. Seu discurso está em consonância com a visão de disciplina consciente e interativa (cf. 3.2.4), que busca um diálogo entre os sujeitos do contexto da sala de aula e que dá voz ao aluno.

Assim como a aluna Rebeca, a aluna Jenifer, da 6ª série, define a disciplina

como uma postura necessária à boa convivência entre as pessoas em todos os contextos de atuação dos indivíduos.

Jenifer – aluna da 6ª série – 25/05/05

Disciplina, eu acho que é, as pessoas, assim, na maior parte das vezes, **as pessoas têm que ter uma certa disciplina**, saber o que tem que falar, o que vai fazer, tem que ter regras, sempre tem que ter regras nas ocasiões, em tudo, **em casa, na escola, no trabalho, tudo tem que ter disciplina**, porque as pessoas não podem ser como querem em todos os lugares porque senão nunca vai se entender, aí, eu acho que disciplina é isso, ter que obedecer regras para ter uma convivência melhor.

Jenifer reconhece a importância das regras, uma vez que estas são necessárias para a convivência social. Sem as regras “em casa, na escola, no trabalho” a vida em sociedade se torna muito difícil. Em seu discurso, Jenifer ecoa o conceito de “regimes de verdade” de Foucault (1975 [2000]), que define que não se pode falar o que se quer em qualquer momento. Neste sentido, a aluna está ecoando a idéia de que “cada um faz não o que quer, mas aquilo que pode, aquilo que lhe cabe na posição de sujeito que ele ocupa numa determinada sociedade” (Milanez, 2004, p.183). Ao afirmar que “tem que ter uma certa disciplina, saber o que tem que falar”, ela demonstra em seu discurso que compreende que há coisas que pode dizer e/ou fazer, e coisas que não pode fazer e/ou dizer na posição que ocupa neste contexto.

Uma definição de disciplina que me chamou a atenção foi a construída pelo aluno Rafael, que na época em que foi entrevistado (2006) estava na 8ª série.

Rafael – aluno da 8ª série - 07/04/06

A disciplina é, como se a pessoa tivesse, **quando você faz a coisa certa, você nunca sai da marginalidade, você não está na marginalidade**. Você ta fazendo uma coisa de respeito aos outros e a você mesmo, no caso.

Duas questões me chamaram a atenção no discurso deste aluno. A primeira foi a idéia de “fazer a coisa certa”. Mais do que respeito às regras, este aluno constrói a disciplina a partir da oposição entre certo e errado. Compreendi que, para ele, ser disciplinado é “fazer a coisa certa” a partir do ponto de vista da instituição. Pude concluir que ele estaria partindo do pressuposto de que o que a

instituição determina é o certo e a atitude do aluno indisciplinado é a errada. A segunda questão importante no discurso deste aluno é a utilização do termo “marginalidade” para definir indisciplina. De acordo com sua construção discursiva, aquele que não age de acordo com os padrões da escola é mais do que indisciplinado, é marginal, e ao agir de forma errada, ele se torna marginalizado.

Para interpretar a construção discursiva deste aluno acerca da questão disciplinar, é necessário construir também este aluno sócio-historicamente. Diferentemente dos outros estudantes que entrevistei, cujo comportamento sempre foi considerado de acordo com as expectativas disciplinares da escola, Rafael é visto pelos profissionais da escola um aluno indisciplinado. Nos onze anos em que frequenta a escola (desde 1996 até hoje), já repetiu três vezes (a sexta, a sétima série e a oitava série) e, por este motivo, na época da entrevista, já tinha perto de 17 anos. Foi meu aluno no ano em que havia repetido a 6ª série. É extremamente bem articulado e muito agitado, sendo, por vezes, incapaz de manter-se sentado na carteira. Na época, identifiquei nele características do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), apesar de o mesmo nunca ter sido avaliado clinicamente, nem tratado por médicos e/ou psicólogos. Este transtorno explicaria a impulsividade para se manifestar em sala (mesmo que atrapalhando o andamento da aula), a dificuldade de manter-se quieto, a necessidade constante de circular pela sala e o baixo rendimento apesar de sua inteligência e sua facilidade para se expressar. No entanto, para os professores, ele é apenas mais um aluno ruim, um aluno indisciplinado e bagunceiro, como frequentemente é caracterizado nos Conselhos de Classe (COCs), sendo citado em todos como mau aluno.

A partir de seu discurso, posso concluir que o modo como este aluno constrói sua definição de disciplina ecoa a forma como este aluno tem vivenciado o contexto escolar durante esses onze anos de experiência discente, desde a Classe de Alfabetização (CA). Por suas atitudes impulsivas e agitadas, é um aluno que é frequentemente repreendido verbalmente, advertido, colocado para fora de sala, suspenso, e por diversas vezes seus responsáveis foram chamados na escola para que tomassem ciência dos comportamentos inadequados de seu filho, e da possibilidade de transferência de Rafael para uma outra Unidade. Por este motivo, interpreto o discurso deste aluno, ao associar indisciplina à marginalidade como uma maneira de ecoar todos os discursos acusatórios com os quais tem convivido durante sua vida escolar. Seu discurso também deixa transparecer a

maneira como ele constrói a sua imagem dentro deste contexto – a de um marginalizado, alguém que não consegue estar dentro da sociedade, alguém que está à parte dela. No entanto, esta construção pode mudar, uma vez que, em 2007, a partir de um encaminhamento meu enquanto diretora adjunta, a mãe de Rafael o levou a um neurologista e ele foi diagnosticado TDAH e está em tratamento desde então. Assim, ao auxiliar Rafael a compreender seu problema físico, que o leva a comportamentos não-aceitáveis, a escola deu um passo para que ele reconstrua de modo positivo sua visão acerca de si mesma e da disciplina escolar.

Após discutir como os participantes do contexto escolar percebem a disciplina que vivenciam cotidianamente, pude observar que há uma diferença na percepção da disciplina entre os sujeitos, dependendo do papel social que estes desempenham dentro do contexto escolar. Analisando as entrevistas dos professores, constatei que estes, em muitos momentos, apontam em seus discursos para a existência de uma atmosfera de indisciplina na instituição analisada. Contudo, essa não é a mesma visão dos alunos, que, em geral, não percebem o clima de indisciplina identificado pelos professores. Enquanto alguns professores e funcionários afirmam que, em muitos momentos, a escola falha por não ser rígida o suficiente, todos os alunos entrevistados enfatizam que um ponto positivo da escola é justamente não ser muito rígida em termos disciplinares. As alunas Suzana, Tábata e Lúcia, da 8ª série, afirmam que a disciplina, mais do que equilibrada, é tranqüila. Seu discurso demonstra que eles têm uma percepção bastante positiva em relação à disciplina que vivenciam na escola.

Suzana, Tábata e Lúcia - alunas da 8ª série - 29/05/05

E: Como é a disciplina da escola?

T: É **tranqüila**, não é aquela coisa, ó (fazendo sinal que parece algo apertado). É tudo que um colégio precisa para não ter bagunça.

A aluna Ana, no trecho a seguir, utiliza os termos “equilibrada”, “flexível”, que caracterizam sua visão positiva da disciplina da instituição.

Ana – aluna 3ª série do Ensino Médio – 10/02/06

Eu acho que é uma disciplina **muito equilibrada**. Eu acho até muito interessante, assim, porque, ... por exemplo, são pessoas que no máximo que eles podem eles ajudam o aluno, **no máximo que o sr. Maurício pode ele nos ajuda** e ele só se irrita mesmo quando não dá, entende? Então, eu acho que é uma disciplina muito, ela é rígida em certos aspectos, mas ao mesmo tempo é **flexível**, buscando o interesse do aluno, **buscando o que melhor pro aluno**. Eu acho isso muito interessante.

A definição da aluna Ana, acima, em relação à disciplina demonstra que ela compreende que a disciplina funciona bem na instituição, que sua voz é ouvida e parece sentir-se acolhida pelos funcionários da instituição, que, em suas palavras “no máximo que podem, ajudam os alunos”. No trecho acima, pode-se observar um traço de afetividade entre os alunos e os funcionários que trabalham como inspetores de alunos, uma vez que estes tentam atender aos interesses dos alunos, isto é, ao buscar o que é melhor para o aluno, os funcionários tentam dar voz a eles (cf. 4.1).

A aluna Rebeca, da 3ª série do Ensino Médio, também não considera a disciplina da escola rígida. De acordo com seu discurso, às vezes, a escola é liberal até demais, demonstrando que a instituição só trabalha com duas possibilidades de discurso disciplinar: o tradicional, ou sua ausência, tida como a disciplina liberal, onde cada um faz o que quer (cf. 3.2.1).

Rebeca – aluna 3ª série do Ensino Médio - 02/02/06

E: Você tava falando das normas, você acha que a escola é um local de normas muito rígidas?

R: Não, assim, eu acho que o colégio já foi muito mais rígido, hoje em dia ele continua rígido em relação a outros colégios, mas se você for olhar as normas de rigidez em termos de disciplina, é tudo um absurdo, eu acho que é até liberal demais. Eu acho que o colégio tá numa forma assim certa prá também num virar uma bagunça generalizada e pronto, acabou, virou festa.

A observação e a análise dos dados gerados a partir das entrevistas com os alunos me levam a concluir que os estudantes se posicionam discursivamente de modo bastante próximo da visão de disciplina consciente e interativa (cf.3.2.4). Esses alunos ecoam a voz da disciplina com a qual conviveram no 1º segmento do Ensino Fundamental, onde a visão pedagógica e disciplinar que embasa o trabalho

dos docentes compreende ensino e aprendizado, bem como a definição de regras disciplinares como uma construção, negociada entre professores e alunos.

Diferentemente dos professores, que vivenciaram uma disciplina ligada à escola moderna, e estão buscando se inserir no mundo pós-moderno, os alunos já nasceram na pós-modernidade, e, constituídos pelas vozes pós-modernas, não concebem a disciplina da escola como falha, mas sim como característica da escola à qual já estão adaptados. Por isso, os alunos têm expectativas da escola bastante diferentes das dos professores, como podemos observar no trecho do aluno Rafael, a seguir.

Rafael – aluno da 8ª série – 07/04/06

E: Só pra terminar ... qual seria o papel, a importância da escola?

R: O principal, o básico é ... educar. E tem muita coisa que a gente aprende na escola ... que em casa não aprenderia. E a gente acaba aprendendo mais do que a escola poderia ensinar (...) Porque aqui você tá vivendo com várias pessoas, de tudo quanto é lugar, a gente aprende muita coisa porque a gente tem a oportunidade de conviver com outras pessoas. Aí a escola ela ... com certeza é muito importante.

Neste sentido, o aluno Rafael aponta para a visão de que a escola é um local que não oportuniza somente a relação do educando com o saber, mas que também possui funções de socialização. De acordo com esta concepção, por mais que tentemos homogeneizar as escolas e a vida escolar, a ela são levados hábitos sociais diferenciados, múltiplas etnias, culturas específicas, representações parceladas, situações sociais díspares, pronúncias diferentes, linguajares grupais, valores heterogêneos, etc. (Gatti, 2005). Essas diferentes representações possibilitam aos estudantes apreender da instituição escolar mais do que o currículo formal que é trabalhado em sala de aula. Ao conviver com todas as dissonâncias que estão presentes no contexto escolar, os estudantes aprendem um currículo oculto que influencia de modo vital a construção de seus discursos e de seus valores, crenças e visões de mundo (Novais, 2003).

No próximo capítulo, discutirei a construção do discurso disciplinar na escola analisada.